

EDITORIAL

Com o início do ano de 1998 chegamos ao nº 3 da Revista GEOUSP. O ano de 1997 foi repleto de novidades. A primeira delas refere-se a nossa pós-graduação em Geografia (Física e Humana). Foram defendidas 36 dissertações de mestrado e 26 teses de doutorado, distribuídas da seguinte forma: Geografia Física: 15 dissertações de mestrado e 10 teses de doutorado; Geografia Humana: 21 dissertações de mestrado e 16 teses de doutorado. Assim, chegamos nesses mais de 50 anos de pós-graduação a um total de 618 defesas (Geografia Física: 148 mestrados e 97 doutorados; Geografia Humana: 246 mestrados e 127 doutorados). Certamente uma parte expressiva da produção científica da Geografia Brasileira está presente nestes trabalhos aqui realizados. Continuamos, ano a ano, superando os anteriores e caminhando na direção de uma pós-graduação calcada principalmente na qualidade.

A segunda novidade do ano de 1997 foi a manifestação concreta da crise que vive o capitalismo mundializado, também denominado pelos neoliberais de globalização. O mito do fim da história mostrou sua cara. A crise financeira, que levou de roldão as chamadas *exemplares* economias dos tigres asiáticos, revelou o quão frágeis são as economias nacionais mundializadas pelo capitalismo monopolista. A crise não esgotou sua voracidade e os denominados capitais *voláteis*, estão por aí à espera de novos lances para a realização de seus lucros fáceis. O Brasil, como era de se esperar, sofreu os respingos da crise. O governo de Fernando Henrique Cardoso baixou sobre os mortais brasileiros um pacote (e ele não gosta dessa denominação). Alta dos juros, restrições ao consumo, falta de crédito, desequilíbrio nas contas públicas e *déficit* no balanço de pagamento, foram muitas das medidas que chegaram para ficar entre os brasileiros. Muitos não entendiam o que tinha a ver a queda das bolsas dos países asiáticos com as medidas no Brasil. São os prêmios da mun-

dialização. Certamente, a crise de agora em diante será sempre internacional.

A primeira consequência da crise e das medidas adotadas pelo governo brasileiro, foi a de sempre: corte no orçamento público. Os setores mais atingidos foram os de sempre: saúde, educação, ciência e tecnologia. Em outras palavras, o pacote atingiu também a nossa pós-graduação: bolsas e verbas foram cortadas. Outra vez teremos que continuar a pagar a crise financeira que abate o mundo. É assim: primeiro foi o esforço nacional para construir estatais fortes. E os brasileiros pagaram a conta. Agora elas são privatizadas e os recursos obtidos são insuficientes para pagar a conta. Conclusão: os brasileiros mais uma vez, são forçados a pagá-la. Mas agora há uma diferença: pagaremos a conta e não teremos sequer a sucata da industrialização tardia. Apenas o governo vai recheiar os bolsos dos banqueiros nacionais e/ou internacionais.

A terceira novidade é nova apenas na aparência: o desemprego. Nossos estudantes formam-se e são obrigados a conviver com o fantasma do não emprego. Os que trabalham têm que conviver com o fantasma do desemprego. E os empresários e seus economistas de plantão jogam pesado contra os trabalhadores. Agora sim começam a aparecer os efeitos da crise que se abateu sobre os países socialistas. Com o ideário socialista em crise, o capital, como nunca na história, avança sua exploração sobre os trabalhadores. E ainda tentam nos convencer de que não há saída. Ou seja, uma parte da humanidade estaria fadada à exclusão sumária.

É fundamental que coloquemos nossas pesquisas no sentido de buscarmos novos caminhos para o país e o mundo, se não concordamos com este que aí está. Quem sabe das pós-graduações em crise deste país não brote a alternativa. É preciso acreditar sempre no futuro e nas novas gerações.